

AS PERSPECTIVAS DE WEBER E BRAVERMAN SOBRE O CAPITALISMO ÉTICA, TRABALHO E ALIENAÇÃO



WEBER AND BRAVERMAN'S PERSPECTIVES ON CAPITALISM: ETHICS, WORK AND ALIENATION

VIVIANE FERREIRA PEREZ

Graduação Pedagogia, Faculdade Nossa Cidade –FNC (2014); Especialista em Psicomotricidade (2021) – FACONNECT Deficiência Intelectual – FACONNECT (2020); Professora de Educação Básica– Ciclo I no CEU EMEF Vila Atlântica

RESUMO

Há um bom tempo, as Ciências Sociais têm como tema recorrente, o capitalismo. Não obstante Max Weber e Harry Braverman discutiram o tema a respeito da ética e estruturas de produção, tanto do trabalho em si, quanto da vida. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar de modo comparativo as implicações do capitalismo contemporâneo sob a ótica de Weber e Braverman. Ambos são críticos quanto ao sistema capitalista no acerca aos desafios das sociedades modernas. Claramente, os valores culturais e processos tecnológicos moldam as estruturas de classe, tanto no aspecto econômico e social.

Palavras-chave: Weber; Braverman; Capitalismo; Produção da vida.

ABSTRACT

Capitalism has been a recurring theme in the social sciences for a long time. Nevertheless, Max Weber and Harry Braverman have discussed the subject in terms of the ethics and structures of production, both of work itself and of life. Therefore, the aim of this study is to comparatively analyze the implications of contemporary capitalism from the perspective of Weber and Braverman. Both are critical of the capitalist system in relation to the challenges facing modern societies. Clearly, cultural values and technological processes shape class structures, both economically and socially.

Keywords: Weber; Braverman; Capitalism; Production of life.

INTRODUÇÃO

Há um bom tempo, as Ciências Sociais tem como tema recorrente, o capitalismo. Não obstante Max Weber e Harry Braverman discutiram o tema a respeito da ética e estruturas de produção, tanto do trabalho em si, quanto da vida. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar de modo comparativo as implicações do capitalismo contemporâneo sob a ótica de Weber e Braverman. Este estudo é uma revisão bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

MAX WEBER E AS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPITALISMO

Max Weber, um dos fundadores da sociologia, propõe uma perspectiva bem diferente, a respeito da ascensão do capitalismo, das obras de dois outros fundadores tradicionais da disciplina, Karl Marx e Émile Durkheim. Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904-1905), a obra mais famosa de Weber, ele oferece uma análise do papel desempenhado por ideias, crenças e valores religiosos especialmente o protestantismo na ascensão do capitalismo moderno (BURAWOY, 1979).

Para Weber, o aspecto definitivo da sociedade capitalista é a especificidade da "ética do trabalho", ou "espírito do capitalismo", como ele se refere a isso, capaz de guiar as economias modernas lucro e a busca da riqueza e do lucro. Ele alega que essa "ética do trabalho" está fundada nos valores da racionalidade do cálculo, da autorregulação individual e do ganho (WEBER, 2004).

O foco de Weber no papel desempenhado pelos fatores culturais teve como objetivo parcial contrabalançar a visão de Marx de que a ascensão do capitalismo foi um processo natural e inevitável. Weber rejeitou a noção de que a história humana é guiada por "leis" subjacentes e inexoráveis que determinam o caminho que a sociedade toma (CAMPBELL, 1987).

A compra e a venda de bens e serviços por um preço maior do que valem, diz Weber, não são exclusividade do capitalismo. Por toda a história, as pessoas sempre comercializaram entre si visando ao lucro. O que é historicamente único no capitalismo argumenta, é que a busca do lucro torna-se um fim em si mesmo. Um exemplo moderno disso é o grupo bancário transnacional HSBC, que teve um lucro de US\$ 22,6 bilhões em 2013. Se esse lucro fosse distribuído entre todos os funcionários da companhia, eles poderiam parar de trabalhar e ainda assim ter uma vida material confortável. Em vez disso, firmas como o HSBC usam o lucro que ganham para reinvestir na corporação, aumentando

sua eficiência e buscando um lucro maior. De onde veio de verdade, perguntava-se Weber, esse ideal busca incansável do lucro, ou da riqueza pela própria riqueza - que anima a "ética do trabalho" no cerne do capitalismo? Weber acreditava que, para responder a essa questão, não devemos olhar para as mudanças na solidariedade social ou na tecnologia, mas para o elemento mais antigo de todas as sociedades volta no tempo para os a religião. Ele desenvolveu movimentos religiosos que aconteceram no século XVI na Europa onde o protestantismo surgiu como reação a uma clara corrupção e a falhas da Igreja Católica Romana. O recém-nascido protestantismo oferecia uma visão diferente das relações entre Deus e seus fiéis, bem como da ética que os governava (WEBER, 2004).

Weber identificava, em especial, a importância do "chamado" ao novo sistema de ética protestante de que Deus havia chamado o seu povo para ocupar uma posição neste mundo (DURKHEIM, 2000). Enquanto a Igreja Católica Romana encorajava o retiro monástico dos assuntos mundanos (como a vida cotidiana e o trabalho), o protestantismo exigia que seus seguidores cumprissem suas obrigações e suas responsabilidades no mundo.

Ao chamar a atenção para essa diferença de ideais religiosos, Weber identificou o teólogo alemão Martinho Lutero (1483-1546) como o homem cujo pensamento foi essencial para o desenvolvimento da teologia protestante. Lutero foi a primeira pessoa a sugerir que o cumprimento dos deveres da vida secular também era uma demonstração de reverência a Deus. Ele alegava que no cerne do conceito de "chamado" está a crença de que ganhar o sustento e cumprir o dever religioso são exatamente a mesma coisa (OAKES, 1995).

As ideias de Lutero foram encampadas e desenvolvidas de maneira importante, duas décadas depois, por aquele que talvez tenha sido o mais influente de todos os reformadores, João Calvino (1509 -1564). Mas contida no coerente sistema ético que Calvino formulou estava uma contradição ou inconsistência significativa: se Deus tudo vê e tudo sabe, então nosso destino como indivíduos é predeterminado, porque Deus fez o mundo e tudo nele (BURAWOY, 1979).

A noção de Calvino se refere ao conceito de "eleito". Como Deus já sabe o destino de como viveremos nossa vida, Ele também sabe quais almas escolheu salvar e quais serão condenadas. O problema para os protestantes, no entanto, é que não há como saber de antemão a categoria os salvos ou os condenados à qual pertencem. De acordo com Weber, tal desconhecimento produziu a "ansiedade da salvação" e levou ao terror psicológico entre os seguidores do protestantismo. Para resolver esse desconforto, os protestantes se convenceram de que havia alguns sinais distintos que revelavam quem estava predestinado à salvação (THOMPSON, 1987).

Os protestantes achavam que a forma mais óbvia pela qual poderiam dizer se foram salvos ou não era através do sucesso no mundo, especialmente em questões econômicas. Essencial a esse resultado era, acreditavam, uma ética do trabalho específica, que enfatizava a necessidade absoluta de austeridade, automonitoramento e autocontrole na conduta dos assuntos econômicos. Weber se referia a isso como o "espírito do capitalismo" (WEBER, 2004).

Um aspecto adicional a esse espírito foi o direcionamento à crescente racionalização, ao controle e ao cálculo dentro da esfera da ação econômica. Prosperar economicamente é demonstrar

a si mesmo e aos outros a adesão à noção de "chamado": quanto mais esforçados no trabalho, austeros e autocontrolados forem os indivíduos em suas ações, maior será a recompensa que colherão. E, quanto maior a riqueza que acumularem mais isso poderá ser entendido como prova de sua pureza religiosa e da promessa da salvação (DURKHEIM, 2000).

O inverso da ética protestante é se afastar do trabalho e cometer os pecados da preguiça e da indolência e fracassar em prosperar financeiramente. Com o constante declínio da religião formal (secularização) a partir da Revolução Industrial, a ética protestante que sustenta o "espírito do capitalismo" foi corroída. Quando Weber alega que os primeiros protestantes "queriam ser um profissional", mas que hoje "somos orçados a sê-lo", ele está sugerindo que, apesar de os valores de esforço no trabalho, autocontrole e autodisciplina sobre os quais o capitalismo está fundado terem permanecido e serem valorizados socialmente, suas raízes religiosas desapareceram (OAKES, 1995).

Ao identificar a forte afinidade entre a ética do trabalho contida na Reforma Protestante especialmente nos escritos de João Calvino e o espírito do capitalismo, Weber chama a atenção para uma grande ironia histórica. A Reforma buscava preservar a mensagem de Deus sobre as forças corruptoras da Igreja Católica Romana. Quase quinhentos anos mais tarde, a religião formal teve um declínio importante. O que começou como uma tentativa de proteger a Palavra deu lugar a uma ética do trabalho que tem sido essencial para a proliferação do capitalismo. E, conforme o capitalismo se desenvolveu, o poder das religiões formais de influenciar nossas ações diminuiu enormemente. Mais de cem anos depois de sua publicação original em alemão, a teoria de Weber sobre a ética protestante ainda é debatida fervorosamente entre os sociólogos e os historiadores contemporâneos. O sociólogo italiano Luciano Pellicani, por exemplo, argumentou que o espírito do capitalismo surgiu muito antes do que sugere Weber e que já estava presente na sociedade medieval (PELLICANI, 1996; DURKHEIM, 2000).

Na defesa de Weber, o historiador inglês Guy Oakes aponta para o fato de o capitalismo medieval ter sido impulsionado pela cobiça, mais do que pelo senso sóbrio de dever secular promovido pelo calvinismo. Mas o fato de o capitalismo industrial ter acontecido primeiro nos países protestantes da Europa, como Holanda, Grã-Bretanha e Alemanha, confirma a relação que Weber fez entre o protestantismo e o impulso empreendedor que foi necessário ao desenvolvimento do capitalismo. E, no livro *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno* (1987), Colin Campbell usa a teoria de Weber para dar conta do crescimento da cultura de consumo na Europa e nos EUA. Essa extensão das ideias de Weber confirma que seu relato da ascensão do capitalismo inspirado na religião ainda exerce poderosa influência no pensamento sociológico (OAKES, 1995; WEBER, 2004; MARX, 2013).

BRAVERMAN E A DESQUALIFICAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Desde os anos 1950, o conceito de alienação de Karl Marx tem sido a principal ferramenta analítica com a qual os sociólogos da América do Norte e da Europa buscam entender a modernização do emprego e seus efeitos na força de trabalho (COOLEY, 1987).

Tanto Marx quanto Max Weber previram que o crescimento da tecnologia industrial seria acompanhado por uma guinada para níveis de eficiência cada vez maiores, e a racionalização da força de trabalho para uma maior diferenciação e especialização. Reconhecendo, de forma explícita, que está seguindo essa tradição intelectual, o estudo clássico de Harry Braverman de 1974, *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*, é um questionamento sistemático da natureza do trabalho industrial e da mudança da composição da classe trabalhadora sob as condições do capitalismo monopolista (PELLICANI, 1996).

A análise de Braverman gira em torno da noção de desqualificação: o avanço na tecnologia industrial e na produção de máquinas levou a uma alienação e "desconstrução" dos membros qualificados da classe trabalhadora industrial e dos trabalhadores manuais. Ele acreditava que a desqualificação do trabalho e a degradação dos trabalhadores industriais faziam parte de um processo que vinha ganhando corpo desde a Segunda Guerra Mundial. Apesar de seu foco ser nos trabalhadores de fábrica, ele também lidava, se bem que em menor escala, com os trabalhadores administrativos (THOMPSON, 1987).

A ideia de que a industrialização do trabalho fabril dá poder aos trabalhadores é atacada de frente por Braverman, que encontra nela diversas talhas com base em sua própria experiência como trabalhador de fábrica, Braverman, desafia estatísticas oficiais e classificações governamentais sobre os trabalhadores para demonstrar a progressiva e constante desqualificação da classe trabalhadora americana (BLAUNER, 1964).

Assim, por exemplo, a noção de que a crescente tecnologia no local de trabalho exige uma força de trabalho cada vez mais capaz de dominar a tecnologia e mais qualificada em termos educacionais é, segundo ele, simplesmente falsa. Os termos "treinamento", "qualificação" e "aprendizado" são vagos e abertos à interpretação, e o volume de treinamento exigido para operar máquinas na fábrica e no escritório não passa de minutos ou, no máximo, semanas. Simplesmente apontar para o fato de os trabalhadores conseguirem operar máquinas não quer dizer, de fato, que seu nível de qualificação aumentou substancialmente. Ter contato com máquinas e aprender a operá-las um bom exemplo é o aprendizado de como usar uma máquina de xerox não significa que um trabalhador deveria ser reclassificado como "qualificado" (BRAVERNA, 1981).

Além disso, Braverman descobriu que, quando o nível educacional geral alcançado pela força de trabalho aumenta, isso costuma ter uma consequência indesejada e negativa para o indivíduo que ingressa no mercado de trabalho.

No decurso de pesquisas e entrevistas feitas por Braverman, era comum descobrir que o avanço na qualificação educacional fazia com que a experiência na fábrica e no escritório ficasse ainda mais frustrante, ou incapaz de satisfazer, porque simplesmente não existia a oportunidade de

os indivíduos usarem e aplicarem o conhecimento obtido em sua educação. Uma educação melhor pode levar a uma percepção cada vez maior do sentimento de alienação (PELLICANI, 1996).

Antes da Revolução Industrial, nota Braverman, os bens materiais eram feitos por artesãos e trabalhadores manuais qualificados e semiquilificados. Os avanços na tecnologia permitiram à escala de produção industrial atingir níveis sem precedentes. A capacidade das máquinas de desempenhar muitas das tarefas até então feitas por trabalhadores manuais qualificados implicava que algumas habilidades e conhecimentos técnicos não eram mais necessários, ao passo que em seu lugar crescia a necessidade de novas competências e expertises (BLAUNER, 1964).

Para Braverman, a automação remove a necessidade de algumas qualificações enquanto cria a necessidade de novas e diferentes habilidades em seu lugar. O progresso tecnológico sozinho não leva, necessariamente, ao declínio no nível de qualificação do trabalhador. Nem a alienação se dá como resultado direto disso. Braverman não estava argumentando nostalgicamente a favor da volta ao modelo pré-industrial do trabalhador manual. Pelo contrário, produção: a maneira como todo o processo de trabalho é organizada, por um lado, a distinção entre os no local de trabalho, e, por outro, as mudanças nas relações sociais de produção a busca de formas cada vez mais eficientes de organizar e dividir a força de trabalho (CASTELLS, 1999).

Assim como as máquinas são feitas para desempenhar tarefas de modo mais eficiente, a força de trabalho é estruturada para aumentar a produtividade e o lucro. A meta de Braverman é mostrar que o conhecimento incorporado e as competências técnicas dos trabalhadores qualificados foram corroídos e esquecidos. O que Braverman quer dizer com a degradação do trabalho é o declínio do número de empregos que exigem que um trabalhador elabore e execute tarefas. Ele argumenta que a força de trabalho foi reorganizada em uma massa de trabalhadores cujo emprego exige pouca elaboração intelectual e um pequeno número de gerentes (BRAVERMAN, 1981).

Influenciado pela obra do engenheiro e industrial americano Frederick Taylor, que desenvolveu uma teoria da gestão científica dos fluxos de trabalho, Braverman argumenta que três novos e importantes desenvolvimentos aceleraram e acentuaram a desqualificação da força de trabalho. Primeiro, o conhecimento e a informação de todo o processo de trabalho só foram conhecidos e cuidadosamente controlados pela gerência, não pelos trabalhadores. Segundo, como resultado direto do primeiro desenvolvimento, o trabalhador desempenha suas tarefas designadas na divisão total do trabalho só naquilo que "ele precisa saber". Os trabalhadores são mantidos na completa ignorância sobre o impacto das tarefas que cumprem e sobre o papel que elas desempenham no processo de trabalho como um todo (PELLICANI, 1996).

Terceiro, empoderada pelo conhecimento do processo total de trabalho, a gerência é capaz de controlar de forma precisa o que cada um dos trabalhadores individuais deve fazer. O monitoramento cuidadoso e a regulação dos níveis de produtividade implicam que a gerência é capaz de intervir sempre que se percebe que a produtividade caiu, ou sempre que um trabalhador esteja com um desempenho abaixo do esperado (COOLEY, 1987).

Braverman argumenta que a principal consequência negativa de organizar o trabalho de modo que, acima de tudo, haja ênfase na eficiência, no cálculo e na produtividade é a separação daquilo a que se refere como "concepção" e "execução". Usando uma metáfora biológica, Braverman diz que os trabalhadores são como uma mão cujos movimentos são controlados, supervisionados e corrigidos pelo cérebro distante da gerência (BRAVERMAN, 1981).

Assim como o leque de qualificações dos trabalhadores diminui com o tempo, também diminui o seu valor. Os trabalhadores acabam recebendo um salário menor porque as tarefas que desempenham são cada vez mais subalternas e desqualificadas. Roubados de sua expertise, eles são mais descartáveis e substituíveis. Para Braverman, a lógica cruel e imperdoável do sistema capitalista inextricavelmente liga sua análise ao conceito de classe social. A desconstrução do ofício na força de trabalho garante que grupos inteiros da população sejam impedidos de ascender na hierarquia social (BRAVERMAN, 1981; CAMPBELL, 1987).

O estudo de Braverman foca principalmente o trabalho de fábrica, mas sua atenção também se volta para os trabalhadores administrativos desqualificados. Ele nota que o controle sobre as atividades diárias envolvidas no trabalho administrativo - incluindo contabilidade, controle de horários e responsabilidades advindas disso tem se deteriorado em infindáveis tarefas de controle da papelada, cópia de documentos e outras funções subalternas. Ele também observa que, já que no tempo em que escreveu trabalho administrativo na Grã-Bretanha e nos EUA era tipicamente feminino, o salário poderia ser menor, reduzindo assim custos e maximizando o lucro. O livro *Trabalho e capital monopolista* é considerado uma contribuição clássica para a disciplina da sociologia, mas é o único livro acadêmico que Braverman escreveu. Sua influência na aplicação do pensamento crítico marxista ao estudo (BRAVERMAN, 1981).

Sua influência na aplicação do pensamento crítico marxista ao estudo empírico do trabalho industrial foi profunda. Assim como Marx, Braverman nunca teve um cargo universitário, e talvez exatamente por isso tenha sido capaz, sem medo de nenhuma censura, de escrever uma crítica tão penetrante e ácida sobre as injustiças do capitalismo industrial e seu impacto sobre a maior parte da força de trabalho. Braverman não foi o primeiro nem o único pensador a identificar e denunciar a relação entre a automação e a desqualificação, mas sua obra foi crucial para revitalizar a análise do trabalho em várias disciplinas, como história, economia e ciência política. Desde a publicação de *Trabalho e capital monopolista*, as ideias de Braverman continuam a gerar debate entre os sociólogos do trabalho. Escrevendo em 1979, o sociólogo Michael Burawoy apoiou fortemente a obra de Braverman, assim como o sociólogo americano Michael Cooley em seu estudo do design com computadores (CASTELLS, 1999).

A convicção que Braverman apresentou em seus argumentos levou a críticas de alguns grupos (na obra de Robert Blauner, por exemplo), suas ideias centrais sobreviveram e foram levadas adiante na obra de Manuel Castells, o influente sociólogo espanhol da globalização e da sociedade em rede (BLAUNER, 1964; CASTELLS, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Braverman e Weber contribuíram de forma permanente quanto à compreensão do capitalismo, seus desdobramentos e sua dinâmica. Essencialmente, para Weber existe o *ethos* capitalista, enquanto para Braverman a dinâmica acontece sob efeitos da automação e gerência. Ambos são críticos quanto ao sistema capitalista no acerca aos desafios das sociedades modernas. Claramente, os valores culturais e processos tecnológicos moldam as estruturas de classe, tanto no aspecto econômico e social.

REFERÊNCIAS

BLAUNER, R. **Alienation and Freedom: The Factory Worker and His Industry**. Chicago: University of Chicago Press, 1964, p. 121.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: A degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 132.

BURAWOY, M. **Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism**. Chicago: University of Chicago Press, 1979, p. 94.

CAMPBELL, C. **The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism**. Oxford: Blackwell, 1987, p. 61.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 143.

COOLEY, M. **Architect or Bee? The Human Price of Technology**. London: Hogarth Press, 1987, p. 98.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 88.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 202.

OAKES, G. **Weber and the Origins of the Ethics of Capitalism**. London: Routledge, 1995, p. 104.

PELLICANI, L. **A lógica do capitalismo moderno**. Roma: Laterza, 1996, p. 55.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 75.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 2004, p. 47.